

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

# Julia Quinn

UMA

NOIVA

REBELDE

4

OS ROKESBYS

ARQUEIRO

Título original: *First Comes Scandal*

Copyright © 2020 por Julie Cotler Pottinger  
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Thaís Paiva

*preparo de originais:* Marina Góes

*revisão:* Hermínia Totti e Rafaella Lemos

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Renata Vidal

*imagem de capa:* Victoria Davies/Trevillion Images

*impressão e acabamento:* Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Q64n Quinn, Julia

Uma noiva rebelde / Julia Quinn; tradução de Thaís Paiva. São Paulo: Arqueiro, 2020.

272 p.; 16 x 23 cm. (Os Rokesbys; 4)

Tradução de: First comes scandal

Sequência de: Um cavalheiro a bordo

ISBN 978-65-5565-008-2

1. Romance americano. I. Paiva, Thaís. II. Título. III. Série.

20-64488

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Abi e seu ano de determinação, garra e resistência.*

*E também para Paul.*

*É ótimo ter um médico na família, mas ter você é muito melhor.*

# CAPÍTULO 1

*Kent, Inglaterra*

*1791*

**P**elo menos ninguém tinha morrido.

Mas, se não era isso, Nicholas Rokesby não fazia a menor ideia do porquê de ter sido convocado de volta à casa da família, em Kent.

Se alguém tivesse morrido, pensou ele, o pai com certeza teria mencionado o fato na mensagem enviada para Nicholas em Edimburgo. O recado fora levado por um mensageiro expresso, de modo que deveria haver certa urgência na questão, mas, se fosse caso de morte, lorde Manston certamente teria escrito algo mais do que apenas:

*Favor retornar a Crake com a maior brevidade. Sua mãe e eu temos um assunto urgente para tratar.*

*Sinto muito por interromper seus estudos.*

*Com afeto, seu pai,*

*Manston*

Nicholas fitou o tão familiar dossel de árvores e iniciou o trecho final de sua jornada. Tinha viajado de Edimburgo para Londres na diligência postal, de Londres para Maidstone de coche e agora concluía os últimos 25 quilômetros a cavalo.

Finalmente tinha estiado – graças ao bom Deus –, mas os cascos da montaria ainda levantavam uma quantidade impressionante de lama e, em meio a respingos e pólen, Nicholas sentiu que chegaria a Crake parecendo um paciente com impetigo.

Crake. Menos de dois quilômetros de distância.

Um banho quente, um bom prato de comida, e então descobriria, enfim, o que deixara o pai tão impaciente.

Era bom que fosse algo bem sério. Não uma morte, é claro, mas se, no fim das contas, tivesse atravessado dois países apenas para descobrir que um dos irmãos ia ganhar uma comenda do rei, arrancaria o braço de alguém.

E sabia muito bem como fazê-lo. Era requisito básico que todos os estudantes de medicina assistissem a cirurgias sempre que houvesse oportunidade. Não era a parte do currículo preferida de Nicholas; ele gostava mais dos aspectos intelectuais da medicina – avaliar sintomas e resolver os enigmas sempre surpreendentes que levam a um diagnóstico. Mas já estavam quase na virada para o século XIX e era importante saber amputar um membro. Muitas vezes era a única arma de um médico contra infecções. O que não podia ser curado ainda podia ser amputado.

Contudo era melhor curar.

Não, melhor mesmo era prevenir. Impedir um problema antes que ele começasse.

Quando enfim avistou Crake, Nicholas revirou os olhos. Algo lhe dizia que o problema que o trouxera de volta a Kent, fosse qual fosse, já devia estar em uma fase bem avançada.

E é claro que os irmãos não ganhariam comenda alguma. Os três eram cavalheiros exemplares, mas *francamente...*

Pôs o cavalo em um trote mais lento ao chegar à última curva do caminho que levava à casa. As árvores sumiram de sua visão periférica e, de repente, lá estava o seu lar, uma construção grandiosa e sólida de dois séculos e meio, uma deusa de calcário emergindo do seio da terra. Ele nunca deixava de se impressionar com o fato de que uma casa tão imensa e ornamentada pudesse ficar tão bem escondida entre as folhagens, desvelando-se apenas no último instante. Era um tanto poético que ainda se surpreendesse com algo que sempre fizera parte de sua vida.

As rosas da mãe estavam em pleno desabrochar, tons vivos de vermelho e magenta, do jeito que a família gostava. À medida que se aproximava, Nicholas sentia no ar úmido o aroma cada vez mais forte das flores, espalhando-se levemente por cima das roupas até chegar às narinas. Nunca gostara muito do cheiro das rosas (preferia flores menos cheias de frescura), mas em momentos como aquele, tudo convergia com perfeição: as rosas e a névoa, a umidade da terra...

Ele estava em casa.

Não importava que não tivesse intenção de voltar, ao menos não tão cedo.

Aquele era seu lar e ele estava de volta. Sentiu certa paz de espírito com essa constatação, mesmo que a cabeça fervilhasse de ansiedade pensando em que tipo de desastre poderia tê-lo convocado.

A família devia ter avisado os criados sobre sua chegada, porque já havia um laçao à espera para pegar a montaria e Wheelock abriu a porta antes mesmo que Nicholas pisasse no primeiro degrau.

– Sr. Nicholas – disse o mordomo. – Seu pai gostaria de vê-lo imediatamente.

Aludindo aos trajés respingados de lama, Nicholas retrucou:

– Com certeza ele vai preferir que antes eu...

– Ele disse imediatamente, senhor. – Wheelock inclinou o rosto de forma quase imperceptível, indicando os fundos da casa. – Ele está com lady Manston no salão verde-e-dourado.

Nicholas franziu a testa, confuso.

A família dele era menos formal do que era costume, ainda mais quando estavam ali, no campo, mas Nicholas jamais teria cogitado que sua sobrecasaca respingada de lama poderia ser considerada apropriada para a sala de visitas preferida da mãe.

– Permita-me – disse Wheelock, oferecendo-se para tirar a casaca, com seu talento sobrenatural para ler a mente das pessoas.

Nicholas deu uma olhada nas botas.

– Perdão, senhor, mas eu iria logo – insistiu Wheelock.

Céus, talvez alguém tivesse morrido, afinal.

– Sabe do que se trata? – perguntou Nicholas, deixando que Wheelock tirasse o casaco de seus ombros.

– Não devo dizer.

Nicholas olhou para o criado por cima do ombro.

– Mas então você *sabe*.

– *Senhor*, por favor. – Wheelock assumiu um semblante apavorado.

– Em menos de um mês eu já estaria de volta – atalhou Nicholas, continuando a argumentar.

Wheelock evitou o olhar dele e, muito ostensivamente, se pôs a escovar a casaca para tirar a lama seca.

– Creio que seja uma questão urgente – declarou.

Nicholas coçou os olhos. Por Deus, como estava cansado.

– O senhor gosta de ser assim tão enigmático, Wheelock?

– Não, senhor.

O que era uma mentira deslavada, porque ele adorava aquele tipo muito específico de circunspeção, reservado apenas aos mordomos muito bem

consolidados em seu cargo. Mas Nicholas notou que Wheelock não devia estar gostando nem um pouco daquela conversa.

– Queira me desculpar – disse Nicholas. – Foi rude da minha parte colocá-lo nessa posição. Não precisa me anunciar.

– Verde-e-dourado – lembrou Wheelock.

– Entendido – murmurou Nicholas.

Como se ele fosse esquecer.

A entrada do salão verde-e-dourado ficava no fim do corredor, e o caminho de Nicholas até lá com certeza já havia denunciado sua presença em casa. O assoalho era de mármore, sempre polido à perfeição. Pés calçados com meias deslizavam como patins no gelo e as solas dos sapatos faziam barulho como a percussão de uma pequena orquestra.

Mas, ao chegar à porta aberta e espiar lá dentro, nem o pai nem a mãe sequer olharam na direção dele. O pai estava perto da janela, fitando o gramado verde; a mãe estava no sofá verde-menta, acomodada em seu lugar preferido.

Segundo ela, o lado esquerdo era muito mais confortável que o direito. Todos os cinco filhos já tinham colocado a hipótese à prova, saltando de um lugar para o outro, mas nenhum tinha conseguido chegar à mesma conclusão. Justiça fosse feita, não chegaram a *nenhuma* conclusão confiável. Mary declarara que ambos os lados eram iguais, Edward observara que a única forma de ficar confortável de fato seria apoiando os pés em algum lugar, o que não era permitido, e Andrew pulara tantas vezes de um lado para o outro que acabara rasgando a costura de uma das almofadas do assento. George declarara que todo aquele experimento era ridículo, mas não sem antes fazer, ele mesmo, um teste perfunctório, e quanto a Nicholas...

Ele não tinha nem 5 anos quando esse experimento familiar se deu. Mesmo assim, sentou-se nos dois lugares antes de se levantar e declarar: “Bem, não há como comprovar que ela está errada.”

Depois ele se daria conta de que a afirmação valeria para uma grande parte da vida.

Provar que algo estava certo não era bem a mesma coisa que provar que o oposto estava errado.

E se o lado esquerdo do sofá deixava a mãe feliz, quem era ele para contradizê-la?

Nicholas hesitou um instante à porta, esperando que um dos dois notasse sua presença.

Como isso não aconteceu, ele entrou, detendo-se antes de pisar no tapete. Já tinha deixado um rastro de lama no corredor.

Quando pigarreou, os dois enfim se viraram para ele.

A mãe falou primeiro.

– Nicholas. – Ela estendeu o braço na direção do filho. – Você chegou, graças a Deus!

Preocupado, ele olhou da mãe para o pai.

– Aconteceu alguma coisa?

Que pergunta cretina. Mas é claro que alguma coisa tinha acontecido. Mas como não havia ninguém em trajes de luto...

– Sente-se – disse o pai, apontando para o sofá.

Nicholas acomodou-se ao lado da mãe, tomando a mão dela. Parecera a coisa certa a fazer.

Porém, surpreendendo-o, ela puxou a mão de volta e se levantou, dizendo:

– Vou deixar vocês a sós. – Pôs a mão no ombro de Nicholas, sinalizando que ele não precisava se levantar. – Vai ser mais fácil se eu não estiver aqui.

Como assim? Havia um problema com o qual eles precisavam lidar e a mãe *não* estava tentando tomar a liderança? Pior, estava saindo de cena por vontade própria?

Aquilo não era nem um pouco normal.

– Obrigada por ter vindo tão rápido – murmurou ela, dando um beijo na bochecha do filho. – Não tenho palavras para expressar quanto isso me tranquiliza. – Olhou então para o marido. – Estarei em meus aposentos, caso precise que eu...

E pareceu não saber o que dizer. Nicholas nunca vira a mãe tão sem jeito.

– Caso precise de mim – completou ela, enfim.

Lady Manston saiu da sala de visitas e fechou a porta, acompanhada pelo olhar silencioso e um tanto atônito do filho. Nicholas voltou-se então para o pai.

– O que está *acontecendo*?

O pai suspirou e ficou um longo tempo em silêncio antes de dizer:

– Houve um incidente.

Sempre o rei dos eufemismos.

– Acho bom você pegar uma bebida.

– Sim, senhor.



Nicholas não queria beber. Queria explicações. Para não contrariar o pai, no entanto, serviu-se de uma dose.

– É sobre Georgiana.

– Bridgerton? – perguntou Nicholas, incrédulo.

Como se houvesse alguma outra Georgiana a quem o pai pudesse estar se referindo.

Lorde Manston aquiesceu, soturno.

– Então você ainda não ficou sabendo.

– Eu estava em Edimburgo – lembrou Nicholas.

O pai tomou um gole de conhaque bem mais generoso do que seria aceitável àquela hora do dia.

Ou mesmo da noite, para ser sincero.

– Bem, isso é um alívio.

– Com todo o respeito, pai, o senhor poderia ser menos enigmático?

– Aconteceu um incidente.

– Continua enigmático – resmungou Nicholas.

Se o pai ouviu – e, para ser sincero, Nicholas achou mesmo que tivesse ouvido –, não esboçou a menor reação.

Em vez disso, pigarreou e disse:

– Ela foi sequestrada.

– O quê? – Nicholas ficou de pé em um salto, deixando o copo de conhaque deslizar e cair no tapete de valor inestimável. – Por que raios o senhor não disse logo? Meu Deus, alguém já...

– Acalme-se – falou o pai, ríspido. – Ela já está de volta. Está tudo bem com ela.

– Ela foi...

– Ela não foi violada.

Nicholas percebeu que uma sensação estranha percorria seu corpo. Alívio, provavelmente, mas também havia algo mais. Algo acre e azedo.

Ele conhecia mulheres que tinham sido vítimas de atos sexuais não consensuais. Algo mudava dentro delas depois disso. Havia os efeitos físicos, e desses ele até entendia um pouco, mas os efeitos na alma... esses ele sabia que não conseguiria sequer vislumbrar.

A sensação naquele momento era mais intensa do que mero alívio. Tinha dentes afiados e trazia junto uma raiva que fervia a fogo brando.

Georgiana Bridgerton era como uma irmã para ele.

Bem, talvez não exatamente uma irmã. Mas o irmão dela, Edmund, era mais próximo até do que seus próprios irmãos.

Quando Nicholas foi concebido, lorde e lady Manston achavam que já não teriam mais filhos. Aconteceu oito anos depois da gestação anterior de lady Manston, de modo que, quando Nicholas enfim saiu das fraldas, todos os irmãos já estavam na escola.

Mas Edmund Bridgerton sempre estivera presente, a poucos quilômetros de casa, em Aubrey Hall. Tinham a mesma idade, com apenas dois meses de diferença.

Cresceram inseparáveis.

– O que aconteceu? – perguntou Nicholas ao pai.

– Um maldito caçador de fortunas foi atrás dela – respondeu o pai, com raiva. – O filho de Nithercott.

– Freddie Oakes? – perguntou Nicholas, bastante surpreso.

Tinha frequentado a escola com Freddie. Durante alguns anos, ao menos. Oakes não tinha concluído os estudos. Era um sujeito popular, carismático e exímio jogador de críquete, mas, no fim das contas, a única coisa pior que ser reprovado era colar nas provas, e ele fora expulso de Eton aos 16 anos.

– Isso mesmo – murmurou lorde Manston. – Você o conhece.

– Superficialmente. Nunca fomos amigos.

– Não?

– Bem, não éramos *inimigos* – esclareceu Nicholas. – Todo mundo se dava bem com Freddie Oakes.

Lorde Manston olhou atravessado para o filho.

– Está defendendo Oakes?

– Não – apressou-se em dizer Nicholas, embora, sem conhecer os fatos, não tivesse a menor ideia do que realmente tinha acontecido. Ainda assim, era difícil conceber um cenário em que Georgiana tivesse sido a parte culpada. – Só estou comentando que ele sempre foi muito popular – prosseguiu.

– Não era uma pessoa *má*, mas convinha não se indispor com ele.

– Então ele era um valentão.

– Não.

Nicholas coçou os olhos. Maldição, como estava cansado. E era quase impossível explicar a intrincada hierarquia social da escola para alguém que não tivesse estado lá.

– É só que... Eu não sei. Como disse, não éramos amigos. Ele era... frívolo, acho.

O pai lhe lançou um olhar curioso.

– Ou talvez não. Eu não saberia dizer, para ser sincero. Minhas conversas com ele se restringiam ao cardápio do café da manhã e quem iria voltar para casa durante o recesso. – Nicholas ficou um longo tempo esquadrinhando as lembranças dos tempos de escola. – Ele jogava bastante críquete.

– Você também jogava críquete.

– Nada bem.

O pai nem sequer esboçou uma reação, o que só indicava quanto estava preocupado. Aos olhos do conde de Manston, seus quatro filhos tinham saído à sua imagem e semelhança – esplêndidos atletas que reinavam nos campos de Eton.

Só estava 25 por cento enganado.

Nicholas não era um atleta incompetente. Muito pelo contrário, era exímio esgrimista e superava qualquer um dos irmãos tanto no rifle quanto no arco. Mas, em um campo com uma bola (de qualquer natureza) e outros jogadores, ele era um desastre. Saber a própria posição em relação ao grupo era uma habilidade. Ou talvez fosse instinto. O que quer que fosse, lhe faltava.

Ele era horrível em todos os jogos com bola. Suas piores lembranças da escola vinham todas de dentro de um campo. A sensação de ser observado e julgado inferior... A única coisa pior do que isso era ter que esperar durante a seleção dos times. Os garotos não demoraram muito para entender quem era bom de bola.

E quem não era.

Com os estudos fora a mesma coisa, refletiu ele. Já nos primeiros meses em Eton, todos sabiam que Nicholas tinha as melhores notas em ciências. Até mesmo Freddie Oakes vinha lhe pedir ajuda de tempos em tempos.

Nicholas se ajoelhou para enfim pegar o copo que tinha derrubado. Olhou-o por alguns instantes, tentando decidir se aquele momento pedia lucidez ou um leve torpor.

Talvez fosse melhor o meio-termo.

Atravessando a sala para servir outra dose, olhou para lorde Manston e disse:

– Talvez seja melhor o senhor me contar o que aconteceu.

Depois decidiria se ia querer beber ou não.

– Pois bem. – Com um baque pesado, o pai pousou o copo na mesa. – Não sei ao certo quando se conheceram, mas Oakes sempre deixou bem claras as suas intenções. Ele estava cortejando Georgiana. Sua mãe achava que ele ia pedi-la em casamento.

Nicholas não conseguia imaginar como a mãe poderia ter se julgado capaz de ler a mente de qualquer pessoa, ainda mais de Freddie Oakes, mas ficou claro que não era o momento de fazer essa observação.

– Não sei se Georgiana teria aceitado – prosseguiu lorde Manston. – Oakes exagera no jogo... todos sabem muito bem disso... mas ele vai herdar o baronato um dia, e o tempo está passando para Georgie.

Aos 26 anos, Georgie era exatamente um ano mais nova que Nicholas, mas ele sabia muito bem que as mulheres não envelheciam como os homens, ao menos no que dizia respeito aos costumes e melindres dos círculos casamenteiros ingleses.

– Enfim – prosseguiu o pai –, lady Bridgerton e sua mãe estavam em Londres... fazendo compras talvez, eu não perguntei... e Georgiana foi com elas.

– Mas não para participar da temporada social – murmurou Nicholas.

Até onde ele sabia, Georgie nunca fora apresentada em uma temporada social londrina. Ela dissera que não queria. Ele nunca questionara. Passar uma temporada inteira como debutante parecia tão prazeroso quanto ir ao dentista, de modo que ele jamais poderia questionar essa decisão.

– Foi só uma visita – confirmou o pai. – Tenho certeza de que elas foram a um ou outro evento, nada oficial. Em todo o caso, a temporada está quase acabando. Mas Oakes foi visitá-la diversas vezes e depois levou Georgiana para sair.

Nicholas serviu a dose de conhaque e voltou a encarar o pai.

– E lady Bridgerton deu permissão?

Lorde Manston assentiu, triste.

– Tudo estava dentro dos conformes. A aia foi junto com ela. Foram a uma livraria.

– É mesmo a cara de Georgie.

O pai aquiesceu, e prosseguiu:

– Foi na saída da livraria que Oakes a sequestrou. Ou melhor, levou-a embora. Ela entrou no coche por vontade própria, pois por que não?

– Mas e a aia?

– Na hora em que ela estava prestes a entrar também, Oakes a empurrou e ela caiu no chão.

– Meu Deus, mas ela está bem? – Se tivesse batido a cabeça, poderia ser bem grave.

Lorde Manston piscou, confuso, e Nicholas se deu conta de que o pai provavelmente não tinha nem pensado em perguntar sobre o estado de saúde da criada.

– Se o senhor não ficou sabendo de nada, imagino que ela esteja bem – concluiu Nicholas.

Lorde Manston ficou em silêncio por um instante e depois disse:

– Ela já está em casa.

– Quem, Georgie?

O pai assentiu.

– Ela ficou apenas um dia ausente, mas foi o suficiente para arruiná-la.

– Mas o senhor não tinha dito que ela não foi...

Lorde Manston bateu o copo com força no aparador.

– Ela não precisa ter sido violada para ter a reputação arruinada. Por Deus, rapaz, use a cabeça! Não interessa o que ele fez ou deixou de fazer com ela. Georgie está arruinada. E todo mundo sabe disso. – Então olhou para Nicholas com uma expressão de cansaço. – Todo mundo menos você, pelo visto.

Nicholas sentiu que havia um insulto velado ali, mas decidiu ignorar.

– O senhor sabe que eu estava em Edimburgo – lembrou ele, tenso. – Não fazia ideia de nada disso.

– Eu sei. Me desculpe. É que tudo isso é muito grave. – Lorde Manston correu os dedos pelos cabelos. – Ela é minha afilhada, sabia?

– Sabia.

– Jurei protegê-la. Fiz esse juramento na igreja.

Como o pai não era um homem religioso, Nicholas não estava entendendo por que dar tanta importância ao fato de o juramento ter sido feito na igreja, mas assentiu mesmo assim. Levou o copo aos lábios, mas não bebeu, usando-o apenas para ocultar o próprio semblante enquanto analisava o pai.

Nunca o vira naquele estado. Não sabia o que pensar.

– Não posso deixar que ela tenha a reputação arruinada – afirmou o pai.  
– Nós não podemos deixar.

Nicholas perdeu o fôlego. Por mais que o cérebro não tivesse entendido, os pulmões pareciam já saber o que viria. A vida dele estava prestes a passar por uma virada drástica.

– Só há uma coisa a fazer – disse o pai. – Você *tem* que se casar com ela.

## CAPÍTULO 2

**D**iante daquela declaração, algumas coisas passaram pela cabeça de Nicholas.

“O que foi que o senhor disse?”

“O senhor ficou louco?”

“Porque só pode.”

“É, com certeza o senhor está louco.”

“Espere aí, eu ouvi direito?”

Culminando em: “O SENHOR SÓ PODE ESTAR MALUCO, SÓ PODE MESMO ESTAR DE BRINCADEIRA!”

Contudo o que disse foi:

– Queira me desculpar?

– Você tem que se casar com ela – repetiu o pai.

Comprovando que, primeiro, Nicholas tinha ouvido direito e, segundo, o pai tinha mesmo perdido a razão.

Nicholas virou o resto do conhaque de uma golada só.

– Não posso me casar com Georgiana – disse ele.

– Por que não?

– Porque... porque...

Os motivos eram tantos que Nicholas não seria capaz de sintetizá-los em uma única frase.

O pai ergueu a sobrancelha.

– Você é casado com outra mulher?

– Claro que não!

– Você se *comprometeu* a se casar com outra mulher?

– Pai, pelo amor de Deus, eu...

– Então não vejo motivo para que deixe de cumprir o seu dever.

– Mas não é meu dever! – vociferou Nicholas.

## CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

### OS BRIDGERTONS

O duque e eu  
O visconde que me amava  
Um perfeito cavalheiro  
Os segredos de Colin Bridgerton  
Para Sir Phillip, com amor  
O conde enfeitado  
Um beijo inesquecível  
A caminho do altar  
E viveram felizes para sempre

### QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso  
Uma noite como esta  
A soma de todos os beijos  
Os mistérios de sir Richard

### AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira  
Como se casar com um marquês

### IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua  
Mais forte que o sol

### OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões  
Um marido de faz de conta  
Um cavalheiro a bordo  
Uma noiva rebelde

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

